

OS MISERÁVEIS NOS RODAPÉS DO JORNAL DO COMÉRCIO: UMA TRADUÇÃO INTEGRAL E SEMÂNTICA*

Ofir Bergemann de Aguiar
UFG

Em 10 de março de 1862, vinte e três dias antes da publicação de *Les misérables*, na França, o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, estampa, no rodapé das suas páginas, o início da tradução brasileira dessa história romanesca elaborada nos moldes do romantismo clássico mas que também antecipa o processo narrativo realista. Cento e trinta e oito edições do periódico – sendo a última datada de 16 de outubro do mesmo ano – se ocuparam dessa longa narrativa que empolgava em virtude dos ingredientes melodramáticos e dos suspenses provocados pela interrupção diária da leitura. Os franceses só começaram a lê-la posteriormente, uma vez que o texto “original” foi publicado, na forma de livro, em dez volumes: os dois primeiros em 3 de abril de 1862, quatro outros em 15 de maio e os quatro restantes em 30 de junho, simultaneamente na França e na Bélgica, pois o autor se encontrava, na época, exilado em Guernesey.

A publicação de *Les misérables*, na França, foi tardia em relação à impressão dos primeiros seriados franceses. As edições populares já mostravam que os livros eram capazes de competir com os periódicos e provocaram a emancipação daqueles em relação ao folhetim – o que explica o modo de publicação escolhido. Ademais, o autor, sobretudo por razões políticas, não queria o surgimento de sua obra nessa forma, como se depreende da correspondência endereçada a seu editor belga Albert Lacroix, especialmente da carta de 25 de outubro de 1861:

A publicação dos *Miseráveis* deve ser feita em livro e não em folhetins. Lembre-se de que a eventualidade da publicação em folhetins em um jornal só foi prevista por nós no caso de uma *completa liberdade de imprensa* e uma oferta mínima de 500.000 fr. tendo por objetivo usar os *Miseráveis* para a fundação de um novo grande jornal democrático. [...]

* Pesquisa realizada para a tese de doutorado *Uma reescritura brasileira de Os miseráveis*, defendida em 28.02.1997, na UNESP/São José do Rio Preto, sob a orientação do Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria.

Abaixo de 500.000 francos, nenhuma oferta de jornal pode ser aceita. Ora, os jornais atuais não sendo livres, não podem fazer uma tal oferta.¹

Fora da França, contudo, essa forma de publicação foi prevista, conforme comprova o contrato firmado entre Hugo e seu editor, em que consta: “Os editores estão livres para permitir a publicação ou tradução em folhetim nos jornais estrangeiros ou em língua estrangeira”².

A esse respeito, cabe salientar que, efetivamente, houve um contrato para a tradução brasileira do romance, em uma época em que não existiam leis, no Brasil, que assegurassem os direitos autorais dos estrangeiros, e que nem mesmo as que garantiam os dos brasileiros eram aplicadas, conforme discorre Vaz Pinto Coelho³ e comenta Brito Broca⁴. Essa obediência ao direito de propriedade intelectual por parte do editor brasileiro é, muito provavelmente, resultado dos esforços do autor francês e seu editor, que procuraram evitar a pirataria literária da obra. No caso de *Os miseráveis*, firmou-se um contrato especial entre o editor belga e Junius Villeneuve, proprietário do *Jornal do Comércio*. O primeiro “se obrigou a remeter-nos para aqui, exclusivamente a nós [a editora de Villeneuve], o que foi imprimindo antes de expô-lo à venda em Bruxelas” – palavras que podem ser lidas na primeira página da edição de 10 de março de 1862 do referido periódico e que explicam a precedência do início da leitura.

É interessante notar que o *Jornal do Comércio* publica a tradução do texto em pauta, sem mencionar a autoria do trabalho. A ausência do nome do tradutor, aliás, não causa espanto no caso dos seriados traduzidos publicados nos jornais brasileiros no século XIX. Coco⁵, tratando do assunto, pergunta e responde: “Quem traduz? É impossível saber, pois normalmente apenas se

¹ LEUILLIOT, B. *Victor Hugo publie Les misérables*. Paris : Klincksieck, 1970, p. 109 (tradução nossa).

² Ibid., p. 392 (tradução nossa).

³ VAZ PINTO COELHO, J. M. Da propriedade literária no Brasil. *Rev. Bras.* (2), v. 6, p. 474 - 491, 1880; v. 8, p. 474 - 498, 1881.

⁴ BROCA, B. O romance-folhetim no Brasil. In: _____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*. São Paulo : Polis, INL, MEC, 1979. p. 174-178.

⁵ COCO, P. M. A. *O triunfo do bastardo: uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1990. v. 1, p. 46.

indica ‘traduzido do francês’; por vezes acrescido de iniciais”. Constituiu prática recorrente no caso de livros, igualmente, e revela a posição marginalizada que esse profissional ocupou, na maior parte do tempo, não só na cultura brasileira, como nas demais.

Brito Broca⁶, Paes⁷ e Magalhães Júnior⁸ mencionam, como autor da tradução em estudo, Justiniano José da Rocha (1811-1862), jornalista, orador, político e prosador que influenciou os acontecimentos que se desenrolaram no país durante o Império – Período Regencial e Segundo Reinado. Hélio Viana⁹ e Elmano Cardim¹⁰, porém, acrescentam um dado a esse respeito. Rocha teria falecido em 10 de julho de 1862, antes da finalização de sua tarefa, que teria sido completada por outro(s). De fato, como afirmam Sacramento Blake¹¹, Alencar¹² e Silva¹³, Antônio José Fernandes dos Reis, nascido em 1830, continuou o trabalho de Rocha que, todavia, contava com dois amanuenses, a quem ditava alternadamente trechos traduzidos enquanto percorria a sala a passos largos, de um extremo a outro¹⁴.

Reis não é mencionado nos manuais de história da literatura brasileira. Participou da redação do *Correio da Tarde*, folha que circulou no Rio de Janeiro durante alguns anos, tendo traduzido quase todos os romances e novelas que nesse periódico foram publicados, entre 1856 e 1861. A partir desse ano, até 1868, esteve no *Jornal do Comércio*, traduzindo romances e artigos

⁶ BROCA, op. cit., p. 177.

⁷ PAES, J. P. *Tradução* : a ponte necessária. São Paulo : Ática, 1990. p. 19.

⁸ MAGALHÃES JR, R. Justiniano José da Rocha e 'Ação; reação; transação'. In: _____. *Três panfletários do Segundo Reinado*. São Paulo : Ed. Nacional, 1956. p. 127-159.

⁹ VIANNA, H. Justiniano José da Rocha. *Rev. Inst. Hist. Geog. Bras.*, v. 243, p. 20-34, 1959.

¹⁰ CARDIM, E. *Justiniano José da Rocha*. São Paulo: Ed. Nacional, 1964. p. 27.

¹¹ SACRAMENTO BLAKE, A. V. A. Justiniano José da Rocha. In: _____. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1899. v. 5, p. 269-273.

¹² ALENCAR, H. Características estruturais. In: COUTINHO, A. (Org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro : Sul Americana, 1969. v. 2, p. 271-285.

¹³ SILVA, I. F. Antônio José Fernandes dos Reis. *Diccionario bibliographico* portuguez. Lisboa : Imprensa Nacional, 1867, 1911. v. 8, p. 200, 421-422, v. 20, p. 366-367.

¹⁴ HALLEWELL, L. Os romances e o folhetim. In: _____. *O livro no Brasil*. São Paulo : T. A. Queiroz, EDUSP, 1985. p. 139-142.

políticos. Entre seus trabalhos destacam-se diversos episódios da série *Rocambole*, do visconde Pierre Alexis Ponson du Terrail, que marcou o fim da fase romântica da literatura de folhetim na França e foi escolhido como carro-chefe do estudo *Folhetim: uma história*, de Marlyse Meyer¹⁵. Rocha, por sua vez, é considerado o segundo brasileiro a se dedicar à atividade regular de tradutor, depois do baiano Caetano Lopes de Moura (1780-1860), de acordo com Broca¹⁶. Foi também um dos introdutores do folhetim no Brasil, além de um de nossos primeiros prosadores¹⁷.

Surpreende-nos, primeiramente, no cotejo entre texto-fonte e texto traduzido, observar que o *Jornal do Comércio* publicou uma tradução integral de *Les misérables* – obra de aproximadamente 1700 páginas, divididas em cinco partes, que se decompõem em livros que, por sua vez, se repartem em capítulos. “O autor adota o método dos romancistas do século XVIII, que empregavam títulos e subtítulos para fornecer uma aparente unidade formal a obras heterogêneas”, declara Dufief¹⁸. Uma das versões do romance de mais fácil acesso ao leitor brasileiro atual, por exemplo, a de José Maria Machado¹⁹ – que realizou o trabalho para o Clube do Livro numa edição de 1958, que tem sido reeditada –, constitui uma condensação de 516 páginas, sem qualquer advertência ao público, cumpre frisar. Constam, nos rodapés do *Jornal do Comércio*, inclusive, os longos “parênteses” hugoanos – as extensas digressões que não apresentam relação direta com a intriga e não faziam parte da redação inicial da obra, em 1845, tendo sido acrescentadas durante o exílio do autor.

Tendo aparecido na forma de folhetim, o texto do *Jornal do Comércio* poderia, como na versão de Machado, privilegiar a narração, a ação palpitante, rica em peripécias, e deixar de lado

¹⁵ MEYER, M. *Folhetim : uma história*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

¹⁶ BROCA, B. O que liam os românticos. In: _____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos*. São Paulo : Polis, INL, MEC, 1979. p. 96-116.

¹⁷ ALENCAR, H. Precursores. O primeiro romance. In: COUTINHO, A. (Org.) *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro : Sul Americana, 1969. v. 2, p. 219-226.

¹⁸ DUFIEF, P.-J. *Les misérables - Victor Hugo*. Paris : Hatier, 1992. p. 20 (tradução nossa).

¹⁹ HUGO, V. *Os miseráveis*. Trad. J. M. Machado. São Paulo : Hemus, 1979. Tradução de : *Les misérables*.

as inúmeras e longas digressões constantes do texto em francês. Isto não constituiria atitude estranha à prática então vigente. O tradutor P. B., por exemplo, em nota de pé de página na sua versão de *Madame Talon*, de Jules A. David, publicada de 7 a 14 de fevereiro de 1840 no mesmo periódico, esclareceu: “Tomei a liberdade de fazer bastantes alterações nesta tradução, porque o enredo do original me não pareceu oferecer interesse bastante”. A tradução em estudo, no entanto, traz os curtos tratados científicos de Hugo, seus estudos sociológicos e lingüísticos – com uma única exceção: a eliminação de todo um capítulo dedicado às raízes populares da gíria –, seus opúsculos de sociologia religiosa e, sobretudo, suas dissertações históricas.

Ressalta-se a narração da batalha de Waterloo, que serviu de pano de fundo para a apresentação do mito napoleônico – digressão que se estende por 19 capítulos e à qual se restringirá a análise realizada neste trabalho, uma vez que nesses fragmentos podem já ser observadas a estratégia geral empregada pelos tradutores e as conseqüências de uma opção por uma tradução integral. A “verdade hugoana” sobre esses acontecimentos foi impressa no periódico brasileiro. A derrota francesa é aí vista, não como obra de Wellington que liderava as tropas inglesas, mas como a manifestação de um decreto da Providência. A transfiguração da realidade histórica por intermédio do estilo épico foi também “transposta” para o texto em português.

Hugo adotou em sua obra o recurso da amplificação²⁰, que aparece igualmente na tradução brasileira:

*C'étaient des hommes géants sur des chevaux
colosses*²¹.

Eram homens gigantes cavalcando ginetes
colossos²².

²⁰ DUFIEF, op. cit., p. 51 – 52.

²¹ HUGO, V. *Les misérables*. Paris : Gallimard, 1991. v. 1, p. 430. Nas próximas citações do texto em francês, serão inseridos o número do volume e da página após a transcrição.

²² HUGO, V. Os miseráveis. Trad. J. J. Rocha e A. J. F. Reis. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 mar-16 out 1862. Original francês. Nas próximas citações do texto em português, será somente inserida a data da publicação do periódico, após a transcrição.

Il semblait que cette masse était devenue monstre et n'eût qu'une âme (v. 1, p. 431).

Parecia que aquela massa imensa se transmudara em monstro e não tinha senão uma alma (22 maio).

Os combatentes adquirem, como se observa, dimensões sobrenaturais. Agigantam-se ou se fundem para formar um ser fantástico. Equiparam-se aos heróis da mitologia. Suas montarias compartilham essas características excepcionais.

Outras vezes, igualam-se aos elementos naturais:

Elle écoutait monter cette marée d'hommes (v. 1, p. 432).

Os Ingleses ouviam subir aquela inundação de homens (22 maio).

[...] toute cette cavalerie déboucha sur le plateau, et ce fut comme l'entrée d'un tremblement de terre (v. 1, p. 432).

Toda essa cavalaria desembocou na eminência, abalando o solo como um terremoto (22 maio).

Ces carrés n'étaient plus des bataillons, c'étaient des cratères; ces cuirassiers n'étaient plus une cavalerie, c'était une tempête. Chaque carré était un volcan attaqué par un nuage; la lave combattait la foudre (v. 1, p. 435).

Os quadrados já não eram batalhões, eram crateras; aqueles couraceiros já não eram cavalaria, eram uma borrasca. Cada quadrado era um vulcão atacado por uma nuvem, a lava combatia o raio (22 maio).

Inundação, terremoto, cratera, borrasca e vulcão aparecem, portanto, como metamorfoses do bando belicoso. Ajudam a proporcionar a visualização desse universo, que não deve ser mensurado pela escala da vida quotidiana.

Acumulações verbais e efeitos de gradação são também empregados para exprimir o grandioso épico²³:

[...] une sorte de vent du sépulcre pousse, refoule, enfle et disperse ces multitudes tragiques (v. 1, p. 417).

[...] uma espécie de vento do sepulcro impele, rechaa, engrossa e dispersa essas multidões trágicas (21 maio).

Tout fléchit, se fêle, craque, flotte, roule, tombe, se heurte, se hâte, se précipite (v. 1, p. 443).

Tudo dobra, racha-se, estala, flutua, rola, cai, choca-se, apressa-se, precipita-se (22 maio).

²³ DUFIEF, op. cit., p. 73 – 74.

La cavalerie prussienne, fraîche venue, s'élance, vole, sabre, taille, hache, tue, extermine (v. 1, p. 444).

A cavalaria prusso [ic], que naquele momento chegava, precipita-se, voa, acutilla, corta, esquarteja, mata, aniquila (22 maio).

Estes últimos recursos estilísticos são constantes na construção artística em estudo, não se restringindo à evocação do episódio de Waterloo nem aos parênteses hugoanos. Deixam transparecer as etapas das ações e dos pensamentos. Por outro lado, fornecem ritmo à narrativa, estabelecendo um jogo de sonoridades.

É interessante observar que, no próprio texto, o relato da batalha travada por Napoleão em 1815 é comparado às épicas antigas:

Ces récits semblent d'un autre âge. Quelque chose de pareil à cette vision apparaissait sans doute dans les vieilles épopées orphiques racontant les hommes-chevaux, les antiques hippanthropes, ces titans à face humaine et à poitrail équestre dont le galop escalada l'Olympe, horribles, invulnérables, sublimes; dieux et bêtes (v. 1, p. 432).

Estas narrativas parecem de outra era. Alguma coisa igual a esta visão aparecia sem dúvida nas epopéias órficas descrevendo os homens cavalos, os antigos hipantropos, esses titãs de rosto humano e peito eqüino, cujo galope escalou o Olimpo, horríveis, invulneráveis, sublimes; deuses e animais (22 maio).

Hugo, assim, diferenciou-se de outros escritores que apresentaram uma descrição realista desse evento. Stendhal, por exemplo, em *La chartreuse de Parme* (1839), mostra as impressões fragmentárias de um soldado que não capta a evolução do conjunto do combate²⁴. O estilo épico suscita a emoção do leitor. A narração desse episódio contribuiu para que *Les misérables* fosse equiparado a uma epopéia.

Observa-se, todavia, que esse estilo aparece no texto em português, à semelhança de outros traços da obra em pauta, porque assim o permitiu uma tradução que priorizou os aspectos semânticos do texto-fonte. Percebe-se, por exemplo, que o efeito de gradação foi “transferido” para a tradução, independentemente de uma preocupação com a reiteração fônica, tão trabalhada

²⁴ EGEA, F. *Les Misérables – Victor Hugo*. Paris : Nathan, 1991. p. 48.

por Hugo, como se observa nos exemplos abaixo, que não se restringem à narração da batalha de Waterloo:

Elle était sèche, rêche, revêche, pointue, épineuse, presque venimeuse (v. 1, p. 255).

Era magra, áspera, rabugenta, pontuda, espinhosa, quase venenosa (8 maio).

Cet être braille, raille, gouaille, bataille [...] (v. 2, p. 153).

Este entezinho berra, escarnica, trava pendências, bate-se [...] (10 jun.).

Tortueux, crevassé, dépavé, craquelé [...], tel était [...] l'antique égout de Paris (v. 3, p. 329 - 330).

Tortuosa, cheia de fendas, descalçada, ameaçando ruína [...], tal era [...] a antiga cloaca de Paris (20 set.).

Ao não empregar segmentos fônicos terminais semelhantes em tais arranjos de palavras, a tradução brasileira desconsiderou um elemento importante da escrita hugoana. Percebe-se que não é gratuita a escolha dos vocábulos nas acumulações acima citadas. O autor propicia uma determinada entonação à leitura. O significado, por outro lado, parece reforçar-se, em virtude da identidade dos sons.

Negligência com os efeitos sonoros, presentes no texto de Hugo, pode ser observada em vários pontos do texto traduzido. A opção inversa, isto é, privilégio dos recursos retórico-formais em detrimento do aspecto semântico, só é verificada nos trechos em que aparecem versos. O que se nota, igualmente, é a “reprodução” de reiterações fônicas como resultado fortuito – propiciado pela similaridade lingüístico-cultural entre o francês e o português – de uma tradução literal, o que pode ser examinado nestas citações, que trazem aliterações:

[...] sobre, serein, paisible, patient; bonhomme et bon prince [...] (v. 2, p. 422).

[...] sóbrio, sereno, pacífico, paciente; bom homem e bom príncipe [...] (14 jul.).

Les royalistes raillaient ce roi ridicule [...] (v. 2, p. 425).

Os realistas riam-se deste rei ridículo [...] (14 jul.).

Os miseráveis publicado nos rodapés do *Jornal do Comércio*, portanto, constitui uma tradução integral e semântica do texto-fonte, que, por isso, apresenta ao leitor brasileiro traços significativos do romance em estudo, como o estilo épico observado na narração da batalha de Waterloo – elemento ausente, ou não tão evidente, por exemplo, nas condensações que excluíram as digressões hugoanas.

É certo que os recursos retórico-formais adotados pelo autor francês são igualmente relevantes para o conhecimento de sua obra. Entendemos, porém, que o fenômeno tradutório envolve diferenças – lingüísticas, culturais, temporais, espaciais, ideológicas – e uma leitura, que na verdade constitui uma interpretação²⁵, o que impossibilita a “reprodução idêntica” de um texto. Consideramos a tradução um outro texto, que traz inovações na cultura receptora. Valorizamos a tradução, por permitir a sobrevivência do “original”. Acreditamos, por fim, que, para a fortuna crítica de *Les misérables*, de Victor Hugo, muito contribuiu o texto em português do *Jornal do Comércio*.

²⁵ ARROJO, R. (Org.) *O signo desconstruído* : implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas : Pontes, 1992.